

O SANGUE E A FÉ NA TERRA PROMETIDA

***Wallace Gomes Moraes**

A colonização da região nordeste do estado de Minas Gerais é prodiga em relatos de lutas pela posse de terra, entre pequenos posseiros contra latifundiários e grileiros, resultando em diversos conflitos que redundaram em crimes, expropriação e expulsão de suas glebas de terras.

Prevalecia sempre a lei do mais forte e de maior poder político e econômico. As questões fundiárias quase sempre eram resolvidas de forma vil e cruel, através de crimes de mando.

A terra até então desocupada e desvalorizada ia ganhando importância e valor à medida que a civilização avançava a reboque da pecuária, calcada na derrubada das matas e na implantação das pastagens.

Para os posseiros, vindos de todos os lugares, fugindo geralmente das agruras da seca e da miséria, a posse da terra representava para eles a demarcação de um lugar onde pudessem retirar o sustento de seus familiares.

As mazelas da pobreza aliada às sequelas e aos infortúnios das doenças tropicais eram minimizadas pelo sonho embalado de ter um local onde pudessem plantar, colher e constituir família.

Nestas condições tiravam o sustento na colheita da poaia e da jalapa, da venda de madeira, da caça e das plantações de mandioca, milho e feijão, nos moldes da coivara. Muitos não aguentando o sofrimento, após breve período na terra, abandonava-as em busca de outras, ainda inexploradas, vivendo em um típico modelo extrativista.

Havia na região uma grande quantidade de terras devolutas, objeto de intensa disputa entre fazendeiros e posseiros, já que ela foi uma das últimas a serem ocupadas. Regiões como a do rio Urupuca, localizado no município de Malacacheta, embora possuidora de terras férteis e muita água, eram desprezadas em razão da febre tifoide e boubá, que as tornava insalubres.

***Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri- Cadeira 04, Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Membro Efetivo da**

Academia de Letras de Teófilo Otoni- Cadeira 21, Administrador, Professor da UNIPACT-TO, Assessor Técnico da Cooperativa dos Produtores Rurais de Itambacuri Ltda.

Entretanto, na década de 40, esta situação começou a mudar. Essa região passou a despertar a atenção devido ao projeto de construção da estrada de rodagem Rio-Bahia, que viria impulsionar a economia regional. A vila de Figueira, atual Governador Valadares, em 1940, exportou cerca de 20.000 contos de mica, e o município de Teófilo Otoni exportou mais de 15.000 contos de pedras coradas.

Os vales do Mucuri e Rio Doce se apresentavam como um manancial inesgotável em riquezas minerais e agrícolas, despertando a cobiça pela posse da terra por grandes latifundiários. A valorização das terras surgia como um problema na região.

Relatos de cemitérios encravados no meio das matas, de famílias inteiras sendo assassinadas, de tenentes e coronéis de polícia transformando-se em grandes proprietários rurais da noite para o dia e de Juizes de Paz que jamais eram localizados pelos reclamantes, eram uma demonstração clara do conluio entre o latifúndio e as forças econômicas.

Na ocasião, o Deputado Geraldo Landi, que há muito tempo era acusado de grilagens de terras no Vale do Rio Doce e Mucuri e de ser parceiro dos irmãos Horácio e Tiago Luz, foi inquerido e notificado a se explicar na Assembleia Legislativa sobre as questões das terras, onde salientou que a questão estava sendo objeto de muita demagogia, procurando defender, a toda a prova, os invasores de terras.

Há muito, a questão de propriedade das terras era questionada e abusos sempre eram denunciados a ponto de merecer destaque no Jornal Itambacuri conforme editorial a respeito, veiculado nos idos de 1932. A matéria do referido jornal dizia:

“Quasi sempre somos informados que indivíduos ignorantes e sem consciência vivem a invadir direito legítimos de posses, em terrenos do Estado, vindo para este fim fazer o lançamento das mesmas na collectoria estadual, na suposição de que o talão do imposto já equivale ao título de legitimação. Os que assim procedem fazem-no maliciosamente, com o intuito de prejudicar os outros. Não sabemos para que existem repartições encarregadas de terras devolutas que permitem a pratica de tamanhos abusos. Muito útil seria o levantamento de um cadastro destas posses, feito por funcionários competentes, afim de ficar melhor garantido o direito das pessoas indefesas que vivem nas mattas sob os caprichos dos mais ousados e atrevidos”

Os grileiros derrubavam as casas dos posseiros, queimavam as plantações e matavam a pequena criação, além de prenderem os lavradores e, depois de torturá-los, obrigava-os, sob ameaça de morte, a assinar documentos pelos quais abriam mão de suas propriedades.

Esta situação criou uma nova realidade na estrutura fundiária local. A incansável luta pela terra colocava de lados opostos o grileiro, fazendeiros, jagunços, advogados e autoridades e do outro os posseiros pobres e sem qualquer instrução. Nesta luta desigual em que os grileiros usavam de truculência para obrigarem os posseiros a saírem de suas terras, gerou vários casos de violência e morte.

Neste cenário conturbado os conflitos eram frequentes já que muitos posseiros se recusavam a sair das terras legitimadas, sendo inclusive motivo de repercussão na imprensa, tal qual noticiou o jornal O Combate, denunciando a violência praticada pelos irmãos Horácio e Tiago Luz, no distrito do Urupuca, culminando com o assassinato de Horácio Luz, em agosto de 1961, por um posseiro, cansado das ameaças de despejos.

A posse da terra passava das mãos dos posseiros às dos que vinham ocupá-la, e destes a pessoas com capitais suficientes para comprá-la e garantir a propriedade, utilizando para isso os serviços de agrônomos enviados pelos departamentos competentes para legalizá-las e defender a propriedade.

Enquanto isso a guerra pela terra continuava com seus conflitos, ameaças, tocaias e mortes encomendadas, uma vez que a questão agrária, ainda não havia sido resolvida, embora era sabido que a região possuía terras virgens em grande abundância.

Esses embates criaram um clima de insegurança que repercutiu negativamente no processo de ocupação da região, ocasionando o êxodo rural, fazendo com que muitos abandonassem o sonho de posse de uma gleba de terra e buscassem refúgio seguro nas cidades.

O ambiente conturbado e vulnerável, mostrava-se propício a manifestações sócio religiosas, que sustentadas pelas citações bíblicas, buscavam a terra prometida.

Neste quesito, o Brasil como maior país católico do mundo é também um misto de muitas outras religiões, imprimindo uma enorme diversidade religiosa. A fé e a religiosidade sempre se manifestaram de todas as formas possíveis e imagináveis, resultando em um enorme caldeirão onde a intensa e imensa fé esteve presente através da saudação aos santos, espíritos, orixás, deuses ou Deus.

Dentro desse contexto religioso, a fé sempre se constituiu na energia que alimenta todas as crenças e religiões, além de servir como alento, consolo e a busca pelas respostas às indagações e problemas cotidianos.

Muitas vezes esse sentimento de fé, rompendo as fronteiras da religião institucionalizada e distante dos dogmas oficiais, abre um espaço para crenças onde se misturam o corpo e o espírito, o real e o sobrenatural, concedendo graças que permitem a sobrevivência numa sociedade injusta, cruel e desigual. Por outro lado, o profano conduz o indivíduo ao prazer, a festa e ao encontro de seus pares, propiciando momentos nos quais recompõe sua vida e a identidade social.

Esta visão dúbia entre o sagrado e o profano, propicia o aparecimento de devoções marginais de fé que acontecem sem a estrutura, aprovação e liturgia eclesial, estimuladas por falsos religiosos que acreditam serem detentores de poderes e forças sobrenaturais, recebidos como missão e dom, criando um ambiente de messianismo, que os coloca como intermediários entre o sagrado e o profano.

Fazendo uso de práticas pastorais antiéticas, ganham o reconhecimento perante uma coletividade, com atitudes baseadas no anticristo e em heresias, com intuito de propalar a possibilidade de redenção de todos os males.

Aproveitam da situação vulnerável, ignorante e sofrida do povo para inculcar conceitos baseados no princípio da punição divina, onde a lógica prevalecente é que Deus pune os hereges e presenteia os crentes. Por essa lógica, crer em Deus (de preferência através desta ou daquela religião) é se livrar de punições e obter recompensas que lhes garanta o Éden.

E foi por causa de tal situação que desaguou no episódio conhecido como o Demônio de Catulé, que foi amplamente noticiado pela imprensa nacional, nos idos de 1955.

Esse movimento político religioso do Catulé, ocorreu durante a Semana Santa de 1955, no município mineiro de Malacacheta (MG), localizado no Vale do Mucuri, na Microrregião de Teófilo Otoni, em uma comunidade denominada Catulé, nas proximidades da Fazenda São João do Mata, formada por 10 famílias, que ao todo correspondiam a 44 indivíduos, com laços de parentesco e compadrio.

O movimento foi um incidente caracterizado nitidamente por uma feição messiânico-milenarista, que pregando a transformação do desespero em esperança e tendo como pano de fundo um contexto migratório, que envolveu um núcleo de camponeses que se fixou na mencionada localidade.

As posturas opressoras dos proprietários rurais, estimulava a migração para terras devolutas submetidas à grilagem e à especulação fundiária, oriunda da valorização da região, oportunizada pela construção da Rodovia Rio-Bahia.

A migração corresponderia não só uma necessidade econômica com também a esperança dos camponeses em realizar o sonho de possuir um pedaço de terra onde pudessem fincar raízes.

O interesse no desenvolvimento econômico da região estava embasado no abastecimento do polo de siderurgia, com carvão vegetal e as riquezas minerais da região como a mica, berilo e pedras coradas. Além disso a região dispunha ainda de matas ricas em madeira de lei e terras de fertilidade extraordinária, que propiciaria à região torna-se um polo produtor de alimentos.

Na década de 50, dois rapazes, de nomes Onofre do S. Joaquim da C, após terem tentado por duas vezes, em vão, “tirar posse”, resolveram tentar a sorte nas plantações de algodão na cidade paulista de Presidente Prudente. Após algum tempo, de lá retornaram, já convertidos à Igreja Adventista da Promessa.

Onofre chegou primeiro e logo iniciou um trabalho missionário no Catulé. Joaquim veio depois e ambos se tornaram os líderes religiosos. Começaram a pregar a vinda de Cristo, incitando os novos seguidores a levar uma vida justa e digna, a fim de estarem preparados para o segundo advento.

Estabeleceram o respeito aos dez mandamentos e a obediência a rígidos princípios como: proibido fumar, beber e comer carne de certos animais, como por exemplo o porco. Deviam trabalhar, viver honestamente e considerar sagrado o dia do sábado.

Obtiveram êxito em sua pregação e logo converteram todo o grupo, que passou a ter vida religiosa muito intensa, reunindo-se para orar regularmente três vezes por semana. Reuniam-se regularmente para orar, às quartas, sextas e domingos de noite, na casa de algum seguidor e, aos sábados, pela manhã, celebravam o culto na casa de oração.

Contudo, logo as divergências e disputas internas pela liderança começaram a acontecer, principalmente entre aqueles que há muito residiam no local e os recém-chegados. Manoel, que vivia ali há três anos, era casado e fazia a mediação entre os trabalhadores, o dono da fazenda e Joaquim e Onofre, jovens solteiros que haviam se alfabetizado em Presidente Prudente e retornado à região após se converterem à igreja adventista da Promessa.

Onofre, o único que sabia ler e escrever, procedia à leitura e à explicação dos textos bíblicos e auxiliava os irmãos a decorarem passagens da Bíblia e hinos. Qualquer um podia dirigir as orações, embora somente Joaquim e Onofre tinham o arbítrio de marcar os dias de jejum e determinar a confissão pública dos pecados, ocasião em que os crentes possuidores de fé poderosa e bom testemunho fossem ungidos pelo Espírito Santo.

Vivendo em condições extremamente difíceis, os moradores daquele local, em busca da promessa de salvação e a eliminação das privações cotidianas, enveredaram pela interpretação leiga, livre e equivocada da Bíblia, anunciadas pelos seus líderes religiosos, a quem obedeciam cegamente, resultando em um processo de alucinação coletiva, que vitimou ingênuos, miseráveis e ignorantes.

Tudo começou no mês de abril de 1955, na terça feira da Semana Santa. Uma fiel, chamada Maria dos Anjos, foi apontada por Artuliana como possuída pelo Satanás. Em função disso, Joaquim entrou no quarto em que Maria dos Anjos dormia e começou a bater na moça, para expulsar o Satanás. Um edema no rosto de Maria dos Anjos e um caroço saliente em seu pescoço, possivelmente proveniente de bócio, foram apontados como indícios da presença do demônio.

Neste interim, diante da confusão reinante, um pintinho saiu debaixo da cama. Joaquim disse que era o demônio saído do corpo de Maria dos Anjos, arrastou-a para fora, obrigou-a a ajoelhar-se e depois, todos juntos, "dirigiram a oração".

Um pouco mais tarde, um pedaço de rapadura surgido misteriosamente no terreiro da casa de um dos crentes foi apontado como indício da presença de Satanás, que saindo da rapadura, teria entrado no corpo de outra crente de nome Eva, que também apanhou para se ver livre da possessão.

E os sinais da presença do Satanás iam se sucedendo. As jovens Conceição e Artuliana, foram alçadas ao posto de profetisas, e diante de suas prerrogativas apontavam quem estava com o diabo no corpo – crianças, adultos, animais e objetos – e os espancamentos eram realizados para afastar o Satanás, cuja presença indicava um estado de impureza e um obstáculo para alcançar Canaã.

O surto psicótico continuava a fazer vítimas. Artuliana mais uma vez apontou uma menina, de nome Nelcina, que era gaga, dizendo que a ouviu falar de forma normal, que Satanás queria morar com eles. Isto bastou para que Joaquim vendo a menina espreguiçar, disse que Satanás entrara nela, passando a espanca-la até matá-la.

À noite, três cachorros e dois gatos que se aproximaram do corpo de Nelcina foram mortos. Em casa, outro crente de nome Adão, querendo dormir, sacudiu a esteira e segundo ele viu um galo que o cumprimentou numa manifestação inequívoca da presença do demônio no animal, fazendo-o fugir para junto dos outros.

E a sanha da purificação continuava. Espancaram depois a menina Ataíde. Na quarta-feira, após o termino do culto, Joaquim agarrou Manoel, seu desafeto, pelo pescoço, sacudindo-o, sem que qualquer membro da irmandade, interferisse ou censurasse tal comportamento, sendo todos benevolentes com a violência.

Na quinta-feira, Conceição, afirmou que Satanás se encontrava na casa de Adão. Logo depois, que o demônio estava no corpo de um gato. Joaquim correu atrás do gato que, em fuga, derrubou uma lata de querosene, fazendo barulho e se mostrando como Satanás. Isto bastou para que o animal fosse sacrificado.

No sábado, cuidaram de queimar o corpo de Nelcina com os cadáveres dos três cães e dos dois gatos mortos na véspera. Para não tocar o corpo impuro da menina ergueram os seus pés com um pedaço de pau, passaram um laço de embira em volta das pernas e arrastaram o corpo até a fogueira que tinham preparado, para cremá-lo juntamente com os animais.

Ainda no sábado, 9 de abril, pela manhã, encaminharam-se em pequenos grupos para a casa da oração. Joaquim colocou todos em fila. Com um pedaço de pau traçou um círculo ao redor dos pés de cada um e ordenou que ficassem imóveis, sem olhar para trás, senão veriam o demônio. Auto intitulando-se Jesus ordenou que todos que o acompanhavam jogassem fora enfeites, grampos, lenços, sapatos, paletós, chapéus e dinheiro, dizendo que aquilo tudo era lixo. Os homens ficaram de calça e camisa, as mulheres apenas com o vestido.

Aproximou-se então de uma de suas seguidoras, de nome Maria e perguntou-lhe se estava disposta a pagar qualquer preço pela salvação. Maria aceitou, e Joaquim ordenou-lhe que jogasse na mata o filho que trazia nos braços. Maria relutou em obedecer, pois era um preço muito alto. Joaquim pegou a criança e atirou-a para longe. Onofre interveio, dizendo que aquilo não estava certo, mas Joaquim respondeu-lhe que dali por diante era ele que devia mandar.

No domingo de páscoa, houve a ordem de confissão geral dos pecados. Encerrada essa confissão geral, Joaquim ordenou que todos fossem tomar um banho de purificação.

Enquanto tudo isso acontecia, a notícia desses acontecimentos espalhou-se pela redondeza, mas nenhuma das pessoas informadas e estranhas ao grupo, achou necessário chamar a atenção das autoridades de Malacacheta. Somente após um dos discípulos desgarrados, de nome Manoel, dar parte a polícia, ainda no sábado pela manhã é que as autoridades, resolveram verificar o que havia de verdadeiro na descrição do informante.

Dois soldados chegaram, no domingo de Páscoa de 1955, após o almoço e dirigiram-se à grota do Catulé. Chegando lá, encontraram Joaquim e Onofre comandando um grande número de homens, mulheres e crianças, todos nus, banhando-se em uma cacimba de lama para livrarem-se de seus pecados e alcançarem a Cidade Celeste de Canaã. Joaquim afirmava para todos, que ninguém precisava ter vergonha, porque já estavam no Jardim do Éden.

Quando os soldados chegaram e deram voz de prisão a todos, Joaquim e Onofre, nus, foram ao encontro dos guardas dizendo: “Nós somos de paz”. Os agentes da lei, porém, abriram fogo. Onofre caiu morto, Joaquim ficou gravemente ferido. Os demais vestiram-se apressadamente.

Joaquim rolou até a poça e ordenou à sua irmã Mariana, que tirasse a arma das mãos de um dos guardas. Mariana tentou obedecer, mas o soldado deu-lhe na cabeça com o cabo da espingarda. Mariana desmaiou. Os outros vestiram-se às pressas.

Segundo testemunhas, Joaquim pediu para morrer com a palavra de Deus na boca. Alguém arrancou duas páginas da Bíblia e colocou uma na boca de Joaquim e a outra na de Onofre, já morto. Joaquim pediu um pouco de água, engoliu a página e em seguida morreu. Após, levaram o corpo de Onofre e de Joaquim para o terreiro da sua casa.

O saldo dessa histeria coletiva e o violento surto pentecostal foi a morte de cães e gatos, o sacrifício de quatro crianças, o espancamento de vários moradores do local, especialmente da família de Manoel, que não havia se convertido ao adventismo e, por fim, a execução de Joaquim e Onofre pelos soldados enviados para prenderem os fanáticos.

A imprensa da época, noticiou o acontecimento, retratando de forma sensacionalista, as inúmeras manchetes. Destacavam que os seguidores eram pobres, pretos ou pardos, “gente de extrema simplicidade”, “que andavam descalços e vestiam roupas sujas e velhas”, atribuindo o surto religioso à miséria da população rural brasileira.

A imprensa chegou mesmo a aventar a hipótese que os crentes revoltosos, terminassem por invadir a cidade, para trucidar as autoridades eclesiásticas, civis e militares.

A forma como os acontecimentos foram relatados e divulgados pela imprensa, fez com que os acontecimentos havidos no Catulé, estigmatizasse por anos a população do município de Malacacheta, tachada de bárbara e sanguinária. O episódio ficou conhecido como o Demônio do Catulé.

O resultado foi que por falta de provas, os soldados cujos disparos ceifaram as vidas de Joaquim e de Onofre foram absolvidos. Igualmente por falta de provas, foram postos em liberdade três dos protagonistas do caso, incluindo as duas “profetisas”.

Um dos participantes, conhecido como João Caolho, considerado como mentalmente insano, foi transferido para um manicômio judiciário como medida de segurança, onde ficou detido preventivamente e sem julgamento de 1955 a 1964, beneficiando-se posteriormente do regime de liberdade vigiada até 1970, quando obteve a liberdade definitiva.

O fato é que a fé cega, sem qualquer questionamento, é nociva na medida que gera condições para que as pessoas sejam abusadas pelos seus líderes espirituais. Ela pode fazer também com que as pessoas adquiram certezas que não deveriam ter, crenças que se manifestam apenas porque as pessoas precisam sempre se sentir seguras.

Essas mobilizações messiânico-milenaristas não são raras nem se encontram extintas, notadamente aquelas que se manifestam no seio das populações sertanejas remanescentes de indígenas e povos nativos escravizados ou submetidos ao jugo colonial ao longo dos séculos. Apegam-se nas religiões e na fé como se fosse a panaceia para sua condição marginalizada.

REFERÊNCIAS

BORGES, Maria Eliza L. **Utopia e contra-utopia: movimentos sociais rurais em Minas Gerais (1950-1964)**. Belo Horizonte, UFMG, 1988. (Tese de mestrado)

CASTALDI, Carlo, **A aparição do demônio no Catulé**. *Tempo soc.* [online]. 2008, vol.20, n.1

GARCIA, Paulo. **Terras devolutas: defesa possessória, usucapião, registro torrens, ação discriminatória**. Belo Horizonte: O. Nicolai, 1958.

MARCÍLIO, Álvaro. **O problema das terras devolutas e suas matas no Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Santa Maria, 1961.

MEDEIROS, Jarbas. **O Planejamento Regional no Vale do Rio Doce**. Revista de Cultura Vozes. Petrópolis, Ano 63, n. 3, mar. de 1969.

MORAES, Wallace Gomes, **Milagreiros de Minas Gerais: entre o Céu e a Terra - Santos, Beatos, Veneráveis, Servos de Deus, Mártires e Congêneres** – São Paulo – Ed. Ixtlan – 2016

MORAES, Wallace Gomes, **Kischem Katak: nossa Aldeia** - São Paulo/SP- 2018 Ed. Ixtlan. São Paulo/2018

PEREIRA, Carlos Olavo da Cunha. **Nas Terras do Rio sem Dono**. 1º Edição. Rio de Janeiro: Codecri, 1980

QUEIROZ, Renato da Silva, **A caminho do Paraíso: o surto messiânico-milenarista do Catulé (USP, 1995)**.

SILVEIRA, Otoniel- **Marcos que Pontilham o Caminho**, A Voz do Cenáculo,IAP,1982.

VILARINO, Maria Terezinha B. **Entre lagoas e florestas: atuação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) no saneamento do médio rio Doce: 1942-1960**. Belo Horizonte: UFMG, 2008 (Dissertação de Mestrado)